

EDITORIAL

Caros(as) leitores(as),

A extensão universitária é um processo que, articulado de forma indissociável com o ensino e com a pesquisa, aproxima a universidade da sociedade e colabora com a transformação social. Uma transformação, entretanto, para ser efetiva em uma sociedade exige que se foque em pontos estratégicos. Nesse sentido, a educação se apresenta como uma aposta bastante assertiva, pois, sendo um mecanismo de emancipação e de inclusão social, é capaz de apontar caminhos e de alargar horizontes. A articulação entre ensino, extensão e pesquisa, portanto, torna-se um processo interessante para que a universidade cumpra seu papel social de investigar e de levar à população oportunidades de, por meio da educação, construir caminhos viáveis para a reflexão, a quebra de paradigmas e a busca de alternativas que corroboram na construção de um ambiente social melhor.

Entretanto, romper com modelos tradicionais é sempre um grande desafio. Há uma tendência humana natural à inércia e isso faz com que quaisquer propostas que tragam algo novo sejam recebidas com uma certa dose de resistência e de desconfiança. Nessa perspectiva, estudos que investigam resultados de experiências que trouxeram algum novo elemento ao processo de ensino contribuem de forma imensurável para que a universidade possa pensar e planejar melhor suas atividades de extensão, escapando de um modelo fundamentado

em prestação de serviços e de assistencialismo e se encaminhando para uma concepção acadêmica com características processual e orgânica.

Nesta edição, são apresentados resultados de estudos que discutem os impactos da implementação de um sistema de gestão universitária europeu em uma universidade africana e de seis ações de extensão com foco na educação, promovida por diferentes instituições públicas brasileiras, nos mais diferentes níveis de ensino, desde educação básica, passando por curso pré-universitário até ensino superior, incluindo a própria formação de educadores. Nesses estudos, evidencia-se a preocupação com reflexões acerca de processos educativos não na perspectiva metódica e tradicional, mas num viés popular, alternativo, com propostas que concebem os museus, as galerias de arte, os laboratórios de informática, as salas de cursinhos e os fóruns de debate como espaços privilegiados para a promoção de uma educação humana, popular, democrática e transformadora.

Ao concluir a leitura dos artigos que compõem esta edição, você, caro(a) leitor(a), perceberá que teve uma oportunidade de conhecer alguns frutos dessa integração universidade e sociedade, além de ter ampliado seus conhecimentos acerca de experiências que usaram a integração da educação com a extensão como uma busca de caminhos alternativos que sejam capazes de promover a reflexão acerca da formação de professores(as), a emancipação popular, a inclusão e a transformação social.

Fica, então, o convite à deleitosa leitura.

Prof. Israel Elias Trindade
Pró-Reitor Adjunto de Graduação da UFG